



REFLEXÕES SOBRE A COMIDA A PARTIR DO LIVRO O QUINZE ESCRITO POR RACHEL DE QUEIROZ

Evilly Sandy Diniz De Oliveira¹
Nathália Diógenes Ferreira Lima²

RESUMO

A literatura desempenha um papel essencial nas interpretações das expressões da questão social. Além de descrições ricas em artes, culturas, períodos históricos, linguagem e tradições, sua história também tem forte ligação nas lutas a partir da sobrevivência do corpo. Durante toda formação do Nordeste brasileiro, é notório os enfrentamentos vistos em várias décadas até os dias atuais de um povo que tem seus direitos silenciados e muitas vezes esquecidos. Por tanto, as dificuldades enfrentadas para que milhares de pessoas pudessem sobreviver, foi através das reinvenções de pratos culinários, as grandes migrações e principalmente a fome para a sustentação de uma vida. A comida nordestina é uma parte primordial na construção de identidade e resiliência diante as adversidades. “O quinze”, de Rachel de Queiroz, livro famoso que descreveu a perversa seca de 1915 no território cearense, conta os impactos que esse fenômeno causou, e a vida miserável de seus personagens que se deslocavam atrás de uma vida digna na cidade e muitas vezes, ilusórias. Dessa forma, a obra apreciada por sua análise psicológica continua relevante ao século XXI devido sua abordagem na questão social e as dificuldades enfrentadas pela população rural em sua denúncia social. Em comparativo ao artigo de Denise Amon e David Maldavsky “Introdução à abordagem socio-psicológica da comida como narrativa social: estados da arte” que descreve a comida como algo sagrado, expressa múltiplos significados em uma sociedade, pois além de saciar a fome, ela se instala nas emoções e torna base para a sociabilidade.

Palavras-chave: comida; sertão nordestino; literatura.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Discente,
sandydiniz@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Docente,
nathaliadiogenes@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

“De tudo o que as pessoas têm em comum, a mais comum é que elas precisam comer e beber.” (Simmel, 1910/1994, p. 346) Quando se pensa em comida, logo nossa mente faz ligação em fartura, algo que encha o estômago, em comida de qualidade, naqueles pratos que por alguma razão são melhores e preferidos; se pensa também em comidas que tem sabor de infância e de saudades. A comida tem grande impacto na vida de cada indivíduo, não apenas para a sobrevivência humana, mas ela carrega valores sociais e culturais durante gerações e sua diversidade é rica em questões de histórias, manifestações e técnicas. A comida é muito mais do que a produção de alimentos para atender as necessidades biológicas, ela carrega um valor social. Ela é um conjunto de hábitos e costumes que durante décadas carrega identidades, faz dela ser o que é, principalmente no sertão do Nordeste, região que desde sua gênese é marcada pelas faltas de chuvas, o preconceito, práticas discriminatórias e visões estereotipadas.

Nesse sentido, esse trabalho tem como foco o uso da literatura como ponte das realidades sociais, principalmente a do regionalismo nordestino na década de 1990, que durante toda sua construção denunciaram através de suas escrituras a fome e a miséria, deixando evidente as baixas condições de sobrevivência, a desumanização de um povo e a soberania do poder social.

A alimentação nos interiores nordestinos sempre foi marcada pelas lutas, escassez e gritos silenciados por socorro, mas que hoje é referência na gastronomia brasileira, carregando em seus pratos as bravas lutas de um povo, suas histórias e simbolismo. A culinária nordestina é marcada pelos temperos fortes, receitas únicas e habilidades primordiais que carregam valores e sentimentalismo. Mas em meio aos gostos, quantidades e riquezas, alguns autores da literatura brasileira com destaque aos do regionalismo nordestino, descreviam em suas obras as análises sobre o ato de comer e a importância para a sobrevivência, mas também eram retratados a escassez do alimento, sua falta, principalmente a miséria dos retirantes nordestinos e sertanejos que durante anos passaram por grandes secas, procurando em sua volta o que tinha sobrado dela, o que ainda tinha para comer e alimentar toda a sua família, precisando inovar a alimentação com o pouco, em busca de melhores condições de vida e para isso, era necessário o êxodo para as cidades. Nisso, se tornava evidente a pobreza, desesperança e as injustiças sociais. Raquel de Queiroz (1910-2003) foi uma autora que através de suas obras mais famosas apontaram a pobreza social e as tragédias desumanas que os personagens viveram, as invisibilidades e a exclusão de um povo que lutaram para ter possibilidades mínimas de sobrevivência garantidas pela governança.

Criando personagens para retratar o sertão e as migrações nordestinas para outras direções habitáveis e repleto de possibilidades de sobrevivência, Rachel de queiroz cria um personagem para demonstrar as misérias que a seca de 1915 causou, Chico Bento, homem que do começo ao fim sofreu pela ordem econômica e social, sendo negado em casas, trocando o que tinha para ter alguma coisa que pudesse satisfazer sua família e seu corpo, presenciando mortes ao longo de sua jornada e sendo humilhado, sendo retirado o direito a ter uma passagem de trem, foi andando a pé atravessando sertão abaixo até Fortaleza-CE, levando a procurar meios de vida através de uma passagem até Amazonas, lugar onde não faltaria seringueiras para fazer borracha (p. 26). Com base na escrita de Rachel, ainda hoje pode-se ver as inúmeras violações de direitos, especialmente o direito à segurança alimentar e nutricional, aos “não” que o Estado dá, a perversidade das autoridades a ignorar as necessidades sociais e os direitos conquistados dos povos. Os povos indígenas Yanomami são exemplos dos genocídios causados por aqueles que deveriam estar ao lado, garantindo o que é de direito, abrindo possibilidades daquilo que deveria ser virtude, mas acabam sendo dado as migalhas, a destruição da dignidade humana, causando desastres que assombram vidas e acarretam a morte. “Sem legumes, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.” (O quinze, 1993, p. 26). Para Chico Bento, ter a “comida” no sentido derivado da



palavra, era quando Deus desse, ou seja, para aquele momento que estava sendo enfrentado, só através de um milagre divino (Queiroz, 1993, p. 67), para eles sobreviverem, não era através do alimento como significado, não era ter algo que se goste, de sua preferência que lhe faz lembrar da infância ou saudade de casa, era ter qualquer coisa, um pedaço de substância em mãos para “enganar a fome”, e é por meio desse “pedaço” que para a maioria leva o renascimento de uma vida, o que segura a carcaça do corpo por um momento.

“A comida é entendida como comunicação, manifestação de uma estrutura subjacente que pode ser apreendida e pode levar à compreensão de aspectos importantes da sociedade.” (Amon e Maldavsky, 2012) A perspectiva dessa análise é entender que o significado da palavra “comida” é muito maior que apenas satisfazer necessidades imediatas, A comida nos constitui enquanto povos e sociedades, mas que sofre na mão da economia, das autoridades, na invisibilidade de recursos e no esquecimento de uma região. O que ainda é visto nos dias atuais, onde milhares de pessoas tentam fazer pelo menos uma alimentação ao dia, enfrentando filas para ter ossos de animais e carcaças de pele para ser dividido em família, e o interessante de tudo isso é que quando descobriram que aquilo era valioso para alguém e que o valor de uso era evidente, o mercado começou a cobrar, e a “comunicação” e a “manifestação” era os recursos limitados que disfarçaram a miséria. Nos interiores nordestinos, é necessário inovar com o pouco que tem para ter resultados, inventar um prato gastronômico com o que tiver em frente e descobrir possibilidades como um pedaço de ossos de tutano, répteis como lagartixas, calangos, teiú, preá etc, tripas de bois e até mesmo cactos para a alimentação nesta região. Exemplo desses casos ocorreu em 1983, quando um homem foi fotografado se preparando para comer um calango no sertão para não morrer de fome.

É a partir dessa problemática que o desejo literário vem à tona, não somente para relatar o sofrimento de um povo, mas suas reflexões e confissões à frente da marginalização e da fome. As descobertas, novas técnicas e habilidades são ampliadas quando se aprende em conjunto, Luiz Gonzaga em uma das suas músicas “Liforme Intravagante- 1963” narra o cotidiano de um povo e suas raízes. Através das metáforas expostas em sua música, o rei do baião fala das contribuições que a comida tem em sociedade, sendo notório os entrelaços simbólicos e identitários que é revelado a partir de uma cultura, principalmente a cultura nordestina que até hoje é alvo de discriminação e estigmas. A comida junta um bando, mas também o desfaz, e sem ter nenhuma garantia de sobrevivência, e sem o básico de uma alimentação, o encontro de um território abundante, fértil e salubre se torna eficaz para aqueles que fogem de uma vida miserável, mas na maioria das vezes esse lugar amplo não é encontrado.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foram as pesquisas bibliográficas com enfoque na comparação de semelhanças e diferenças em pontos principais sobre literatura, personagens e gastronomia sertaneja, analisando o contexto histórico e literário nas questões da época e seu evento, tendo como base o artigo “Introdução à abordagem socio-psicológica da comida como narrativa social: estados da arte” pesquisa elaborada dentro da psicologia da comida.

Além disso, foi realizado um contraste diante das realidades do Nordeste no século XXI diante a obra literária e crítica de Rachel de Queiroz em seu livro “O quinze” publicado em 1930, com as reinvenções da alimentação, a cegueira das autoridades e as inseguranças alimentares que ainda assombram uma população.

A escolha do método para instrumentalizar esse trabalho, foi o aprofundamento sobre uma indagação no estudo de um fenômeno presente nos dias atuais, a fome.

Para Gil (2002, p.44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado,



constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observar a obra dos dois textos apresentados, pode-se perceber o contraste nos períodos históricos descritivos em diferentes décadas e a amplitude nos planos de fundos na sobrevivência humana. A visão das autoras é bastante detalhada no que diz respeito às questões das relações sociais da comida, seja ela elaborada em estado da arte e emoções presentes na simbologia, e a outra, na forma pura de sobrevivência, nas criações de alimentos para satisfazer um corpo marginalizado de direitos. Levando o leitor a entender os distintos significados na relação de corpo e comida.

Os resultados e suas discussões foram realizadas de diversas maneiras, destacando o impacto da seca que assombra o povo nordestino com a sua volta, a escassez de alimentos e água que levaram até uma migração na busca de melhores condições. A reflexão sobre as desigualdades sociais e políticas governamentais inadequadas para resolução desse problema desde a sua gênese também pela falta de assistência e comoção à população mais vulnerável. O papel da literatura regionalista é uma obra central acerca dos “estudos de casos” da realidade social contemporânea, que leva aos leitores a séries de indagações nas perspectivas peculiares das diferentes regiões do Brasil.

O inquérito VigiSAN (2020) revelou que entre 2018 e 2020 nove milhões de pessoas ingressaram no quadro de fome no país, totalizando 19,1 milhões de pessoas nessa situação. Pela primeira vez, desde 2004, menos da metade da população brasileira está em segurança alimentar. Esse mesmo estudo apontou que a geografia da fome persiste. A cada 10 famílias, 4 estão em algum nível de insegurança alimentar no Norte e Nordeste. Esses números são maiores que as demais regiões do Brasil. As formas mais severas de insegurança alimentar (moderada ou grave) atingem fatias maiores da população nas regiões norte (45,2%) e nordeste (38,4%) (VigiSAN, 2020).

Refletimos que a fome não é um acaso ou produto das intempéries da natureza como a seca. A fome é um projeto político de empobrecimento de regiões e povos específicos no Brasil. A obra da Raquel de Queiroz realiza essa denúncia. Esse cenário se agrava quando deslocamos a compreensão da comida apenas como restrita ao ato de matar a fome. A comida tem uma função social maior: a de nos socializar, construir cultura e subjetividades. A comida está relacionada à dignidade humana em toda a sua dimensão.

CONCLUSÕES

A literatura brasileira é de suma importância para se entender as realidades sociais, suas denúncias e por meio dela ter uma visão ampla e crítica acerca das injustiças sociais. É importante ler para entender o que o passado tem haver com o futuro, quais foram as suas contribuições que refletem no presente. O quinze descreve as singularidades que assolam até hoje, famílias saindo de casa para a busca de alguma esperança: expectativas de vida melhor na cidade, razões de existências, a luta constante contra a dor da fome, negação de direitos básicos e o cansaço de viver. Um problema social muito presente em um país que desde a sua formação fecha os olhos para a realidade, onde milhares morrem cada dia pela sua falta, onde a insegurança alimentar é recorrente e as necessidades básicas da vida não existem ou não chegam. Apesar dos sofrimentos e dos recursos limitados que Raquel de Queiroz descreve em suas obras regionalistas, pode-se notar que sua literatura é muito presente e realista tanto no Brasil, como também nos interiores nordestinos.

O nordeste ainda sofre com a miséria, exclusão e o preconceito encarregado com os estigmas das demais regiões do país, e apesar de hoje ser considerado uma terra rica, cheia de culturas e ter forte presença do religiosismo, houve diversas mudanças daquele tempo para cá como os reservatórios, as distribuições de rendas e a criação de políticas públicas de cisternas, mas há quem ainda acredite que nessa região ainda



exista seca e miséria, alguns fazem associação do nordeste com a visão equivocada do deserto ou faroeste, onde só existe ventos, terra seca e ossos de animais por toda parte, há ainda quem acredite que o nordestino tem a cabeça grande e a barriga redonda e pontuda por conta de parasitismos encontrados nas águas e alimentos, ou seja, a visualização errada de um corpo por conta da alimentação. Os anos das grandes secas deixaram marcas no sertão, e o contraste social faz com que a região ainda seja alvo da ignorância e do atraso de outras pessoas. A insegurança alimentar ainda é recorrente em muitas regiões, e a reinvenção da comida para ter o que comer ainda se torna primordial para várias famílias.

A fome no Brasil permanece, mesmo sendo rica em vários aspectos sociais, culturais e sociopolíticos, sendo tratado com programas sociais e a valorização dos direitos básicos de vida. A vida depende sim da comida, e por meio da literatura pode-se perceber o que a falta dela acomete: não há forças para segurar o corpo, não há identidade e não há comunicação sem sua existência.

AGRADECIMENTOS

Quero estender meus mais sinceros agradecimentos à professora Nathália Diórgenes pela sua dedicação, ajuda e comprometimento para que este trabalho fosse realizado. Você é um exemplo brilhante e minha inspiração para ser uma futura assistente social.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, M. V. **Liforme Intravagante: a comida como representação do poder no sertão nordestino brasileiro**. Revista de Alimentação e Cultura das Américas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 102-116, 2020.

ANTILLI, Juliana. **O RECONHECIMENTO DE COMIDAS, SABERES E PRÁTICAS ALIMENTARES COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL**. DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 585-606, 2015

DEMETRA: **Alimentação, Nutrição & Saúde**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 585-606, jul. 2015. ISSN 2238-913X.

DUTRA, Elisa Paraguaçu Feitosa et al. **Liforme Intravagante: a comida como representação do poder no sertão nordestino brasileiro**. Revista de Alimentação e Cultura das Américas, v. 2, n. 2, p. 102-116, 2020.

Ferraz, A. F., da Silva Oliveira, C., Guabiraba, D. K. D., Lima, I. E. P., da Silva, K. P. B., dos Santos, K. P., ... & Godêz, Y. L. **Gastronomia Sertaneja como Forma de Identidade Cultural**.

GEHREN, Sara. **Olhe para a fome: A fome e a insegurança alimentar avançam em todo o Brasil**. Publicado em 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br>. Acesso em: 9 out. 2023

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

LEMONS, Thaís Amanda Ribeiro de Oliveira; GONDIM NETO, Leopoldo. **O não me deixes: uma viagem gastronômica pelo sertão nordestino através da obra de Rachel de Queiroz**. Revista Encontros Universitários da UFC, Fortaleza, v.1, n. 1, 2016. (Encontro de Experiências Estudantis, 9).



IX SEMANA
UNIVERSITÁRIA



RIBEIRO, Felipe Gomes. **Cearence come calango**. In: Clube 92, 19 de abril de 2015. Disponível em: .
Acesso em: 9 out. 2023

Simmel, G. (1994). **The Sociology of the Meal (M. Symons, Trans.) Food and Foodways**, 5, 4, 345-350.
(1. ed. original 1910)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: informação e documentação. Resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2021.